



ASYLO EM BLACKHEATH.

Mudou-se para novo edificio expressamente construido em Blackheath o asylo com suas escolas para os filhos e orphãos dos missionarios inglezes.

A architectura da nova casa é no estylo e gosto do seculo XIII. O plano geral consta de um corpo central e dois lateraes. O material empregado foi dos melhores tijolos do Kent, e os angulos e revestimentos das portas e janellas de pedra de Bath; os tectos são altos, de duas

serie de trapeiras que lhe dão realce e um aspecto singular, e do centro dos mesmos levanta-se uma torrinha ou campanario alto, ordenado para a garrida ou sineta das escolas, e ao mesmo tempo para ventilar todo o edificio.

No pavimento inferior ha espaçosos logares cobertos para as recreações dos alumnos no inverno ou tempo chuvoso; no andar terreo estão as aulas, as classes, casas de jantar, e sala de visitas; e no andar superior os quartos de cama e de lavatorio com aposentos para o reitor e

a regente. Ha para todos facil accesso por meio de escadas de pedra e corredores largos, tambem de pedra, para salvacao em caso de incendio. Attendeu-se muito a facilitar a luz e a ventilação, e a obra é construida com segurança. Celebrou-se a inauguração em 25 de Novembro do anno passado. M.

### IMPrensa PERIODICA FRANCEZA.

Entre as diversas materias de que se tem occupado esta encyclopedia, denominada *Panorama*, não podia nem devia deixar de ter logar a origem das *Gazetas*, essa poderosa alavanca que, nascendo humilde como os mais remotos troncos de todas as altas estirpes, se foi successivamente nobilitando, e empunha hoje o sceptro da opinião em ambos os mundos.

Logo no primeiro volume d'este semanario se fallou largamente dos *Acta Diurna* romanos; e no segundo se deu noticia das gazetas chinezas, dos periodicos manuscriptos de Veneza, e enfim dos jornaes impressos das nações modernas, inclusivè dos portuguezes, que, segundo ali se demonstra, não começaram muito depois dos francezes e inglezes, se é que os não precederam, como suppõe, com fundamento, o esclarecido João Pedro Ribeiro.

Menos competentes do que os distinctos escriptores que trataram do assumpto, vamos, contudo, invocando o auxilio de respeitaveis autores, e com especialidade o de mr. Edmond Texier, traçar em rapido bosquejo a historia da imprensa periodica de França.

O nome de *gazeta* dado ás publicações periodicas foi importado de Veneza, aonde, no principio do seculo xvii, appareceu um jornal, por cuja leitura se pagava uma pequena moeda d'aquella denominação.

No primeiro d'Abril de 1631 saiu á luz a primeira gazeta franceza, publicada por Theophraste Renaudot, medico do rei; e parece que Luiz XIII escrevia tambem para este primeiro jornal do seu reino!... Apparecia uma vez por semana, constando de oito paginas de quarto, e dividida em duas partes, sob os titulos de *Gazeta*, e *Noticias ordinarias de differentes localidades*.

A *Gazeta de França*, publicada ainda em nossos dias, é a continuação da folha semanal de Renaudot; ella, o *Mercurio* e o *Jornal de Paris*, constituíam, quasi exclusivamente, a imprensa periodica de França até ao tempo da revolução.

Em 1665 começou a publicar-se o celebre *Journal des Savants*, cujo anniversario é sempre festejado em Paris. Outras folhas litterarias seguiram successivamente a orbita d'este brilhante planeta.

Quem não conhece a *Revista dos dois mundos*, a *Illustração*, a *Semana*, a *Moda*, o *Universo*, o *Amigo da Religião*, o *Jornal dos Economistas*, o

*Conselheiro do povo* (de Lamartine), o *Mosqueteiro* (de Alexandre Dumas), o *Novo mundo* (de Luiz Blanc)? Não fallamos de muitas outras folhas litterarias, que nem mesmo em França são conhecidas.

Voltemos, porém, á *Gazeta de França*, que sobreviveu á revolução de 1789, e que chegou até nós.

Grande foi o espanto e o terror do herdeiro do sr. Theophrasto, quando se promulgou a liberdade de imprensa, e viu em roda de si um cento de rivaes a disputar-lhe o privilegio exclusivo, de que os seus gosavam havia cento e cincoenta annos!

Todavia, a *Gazeta de França* lutou corajosamente contra a concorrência, e a datar do primeiro de Maio de 1792 appareceu todos os dias. Tres mezes depois, accrescentou o formato, escreveu na sua frente as palavras — liberdade e igualdade — e tomou o nome de *Gazeta nacional de França*.

Em Dezembro do mesmo anno, lê-se pela primeira vez no topo d'esta folha a phrase sacramental, seguida até hoje por todos os periodicos:

«Roga-se aos srs. subscriptores, cuja assignatura acaba no ultimo do anno, etc.»

E a *Gazeta* declara que admite annuncios, correspondencias e communicados, em um supplemento do jornal; e começa a publicar os annuncios dos espectaculos.

No tempo de Luiz xv a *Gazeta de França* não julgava simplesmente limitada a sua missão a satisfazer a curiosidade publica; tinha pretensões a uma obra historica, a um archivo de successos e de datas; porém a revolução surpreendeu-a no meio d'este sonho doirado; destronou-a; nivelou-a com a chusma dos novos jornaes; e a pobre *Gazeta*, depois de tenaz resistencia, resolveu-se a bradar, com a multidão, no dia 22 de Janeiro de 1793: — Morreu o tyranno!

A imprensa periodica do seculo xix completou a obra dos philosophos do seculo anterior. Ainda antes que este acabasse, apenas convocados os Estados geraes, innumerados periodicos appareceram em França, possuidos do enthusiasmo da epoca, que lhe communicavam os seus redactores.

Mr. Eugene Hatin, na sua *Historia do jornal em França*, dá-nos a seguinte lista das principaes folhas periodicas d'esse tempo de agitação.

Appareceu primeiro o *Correio de Provença*; e em seguida o *Jornal dos Estados geraes*; o *Boletim das sessões* da mesma assemblea, por Maret, mais tarde duque de Bassano; a *Aurora*; os *Evangelistas do dia*; o *Patriota francez*, por Brissot; o *Correio de Versailles a Paris*; as *Revoluções de Paris*, por Prudhomme e outros; os *Annaes da Revolução*, tornados depois em *Jornal da municipalidade e dos districtos*; o *Observador*; a *Chronica de Paris*, por Condorcet e outros; o *Publicista parisiense* ou *Amigo do povo*, famosa publicação de Marat; os *Actos dos Apostolos*, a que se oppoz o *Discipulo dos Apostolos*; o *Jornal geral da corte e da cidade*; o *Jornal universal*, de

Audouin; o *Jornal da cidade e das provincias*, por Fontanes; os *Annaes patrióticos e litterarios*; as *Revoluções de França e do Brabante*, por Camillo Desmoulins; o *Orador do povo*, por Freron; a *Gazeta universal*; o *Mercurio nacional*; a *Chronica da astucia*; a *Assembléa nacional*; a *Bocca de ferro*, do abbade Fauchet; o *Amigo do rei*; o *Amigo dos cidadãos*; o *Jornal de Luiz XVI e do seu povo*; o *Jornal da Sociedade de 1789*, por Condorcet, Dupont de Nemours, Pastoret, André Chenier, etc.; e mais duzentas folhas periodicas, das quaes duas ainda hoje continuam a sua tarefa: o *Jornal dos debates e decretos*, fundado por Barère e Louvet; e a *Gazeta nacional ou Monitor universal*, cujo primeiro numero saiu á luz a 24 de novembro de 1789. Occupar-nos-hemos mais de espaço com estes velhos lidadores da imprensa franceza.

Ainda depois appareceu a *Quotidiana*, jornal tantas vezes perseguido; o *Republicano*, que mudou de nome muitas vezes, como aquelle, e por identico motivo; o *Boletim dos amigos da verdade*, publicado pelos girondinos; o *Novellista*; o *Jornal da Montanha*, orgão dos jacobinos; o *Velho franciscano*, por Camillo Desmoulins; o *Tribuno do povo*; o *Conservador*; o *Memorial historico, politico e litterario*, por La Harpe, Vauxelles e Fontanes; e muitos outros viram a luz da imprensa, desde 1791 até 17 de Janeiro de 1800, que o consulado reduziu a treze o numero dos jornaes, cuja publicação era permittida no departamento do Sena; a saber: o *Monitor* (Admoestador); o *Jornal dos Debates*; o *Jornal de Paris*; o *Bem-informado*; o *Publicista*; o *Amigo das Leis*; a *Chave do gabinete dos soberanos*; o *Cidadão francez*; a *Gazeta de França*; o *Jornal dos homens livres*; o *Jornal da tarde*; o *Jornal dos defensores da patria*, e a *Decada philosophica*.

Depois da restauração, a *Gazeta de França* tornou-se ministerial, e em 1830 declarou-se contra a revolução de Julho e a dynastia de Orleans, o que lhe custou muitos milhares de francos de multas, apoz innumerous processos por abuso de liberdade de imprensa.

O *Monitor*, inflexivel como o destino, registra, com o mesmo sangue frio, os actos de todos os governos que se tem succedido em França, ha cincoenta annos! Os fundadores d'este jornal foram Sauvo, seu redactor em chefe até 1840, e Maret, duque de Bassano. Os papeis do primeiro, que morreu ha poucos annos, só serão abertos d'aqui a meio seculo, segundo uma determinação governativa. Foi homem da situação, este caro sr. Sauvo, com a assembléa constituinte, com a legislativa, a convenção, o directorio, o consulado, o imperio, a restauração, os cem-dias, a segunda restauração e o governo de Julho! Mr. Grun, que o substituiu, continuou em serena paz com o governo provisorio, a presidencia da republica e o novo imperio. O verdadeiro redactor em chefe do *Monitor* é o governo.

O *Jornal dos Debates*, fundado no mesmo anno de 1789, passou a ser propriedade dos srs.

Bertin, em 1800, e na sua familia tem continuado até hoje.

Por occasião da coroação de Bonaparte, esta folha passou a denominar-se *Jornal do Imperio*; pela queda de Napoleão voltou ao seu primeiro titulo, que tornou a largar nos cem-dias, e retomou á segunda entrada dos Bourbons em Paris.

Este conhecido periodico tem por mais d'uma vez mudado de politica, como de titulo. Ouçamos como o avalia mr. Edmond Texier, nos seguintes extractos:

«O *Jornal dos Debates* nunca foi, em sua longa carreira, nem o cavalleiro errante de um systema, nem o paladino de uma idéa. Nunca se ariscou ao perigo de defender theorias, mas tambem jámais se enfeudou completamente ao ministerio que defende. Chamavam-lhe jornal ministerial, no tempo da monarchia, o que não era exacto. A folha ministerial é o instrumento servil de um gabinete, é o pilar aonde se affixa o pensamento do ministerio, é o prego aonde a administração pendura o seu systema. O jornal ministerial não tem opinião propria, não pertence a si mesmo, anda á vontade de um ou de muitos homens; porém o *Jornal dos Debates* nunca representou esse papel de subalterno. Pode mesmo dizer-se que elle não tem servido, mas sim protegido os gabinetes. Nunca prestou o apoio da sua influencia a nenhuma administração, sem haver discutido o seu programma e apresentado as suas condições; e tanto isto é verdade que mr. Guizot tentou libertar-se do protectorado do grande jornal. O *Globo* e a *Epoca* foram fundados para contrabalançar a influencia dominadora do *Jornal dos Debates*.

«A imprensa da opposição adoptou um tal habito de chamar a este jornal ministerial e vendido, e isto pelo espaço de vinte annos, que hoje tomar-se-ha como um paradoxo a affirmativa de que o *Jornal dos Debates* tem provado, por muitas vezes, uma certa independencia.

O *Jornal dos Debates* não abandonou jámais a questão da liberdade de imprensa; nem a causa da Polonia contra o czar, a quem o gabinete das Tuilleries cortejava; applaudiu as generosas reformas de Pio IX, as boas intenções de Carlos Alberto, e bradou desassombrado a favor da liberdade italiana.

A parte das noticias estrangeiras n'esta folha é sempre bem desinvolvida, e alheia a pequenas considerações de côrte ou de partido. Na collecção do *Jornal dos Debates* encontra-se toda a moderna historia da Europa.

Nas suas columnas escreveram successivamente Napoleão, Chateaubriand, Lainé, Bonald, Camille Jordan, Martignac, Casimir Périer, Royer-Collard, Guizot, Thiers, Cousin, Salvandy, Villemain, Saint-Marc Girardin, Michel Chevalier, Berlioz, Jules Janin, e ainda hoje escrevem outros distinctos litteratos e politicos.

Depois de havermos dado noticia d'estes decanos da imprensa franceza, vamos lançar um

rapido volver d'olhos sobre o jornalismo parisiense da actualidade, isto é, sobre aquella parte que merece as honras da analyse.

(Continúa.)

B.

### VIAGENS AO HEMISPHERIO AUSTRAL.

(ATÉ Á EPOCA DA DO CAPITÃO COOK.)

O portuguez Fernando de Magalhães foi o primeiro que atravessou o mar Pacifico.

Largando de Hespanha, com cinco embarcações, a 10 de Abril de 1519, descobriu o estreito que d'elle tomou nome; e foi no dia 27 de Novembro que entrou no mar do sul.

Descobriu n'este mar duas ilhas deshabitadas.

Passando depois a linha encontrou a ilha dos Ladrões, e avançou para as Philippinas.

N'uma d'estas ilhas foi morto, entrando n'uma escaramuça com os naturaes do paiz.

*Victoria* era o nome da embarcação em que este famoso descobridor deu volta em roda do mundo, e foi tambem este navio o unico da sua

esquadra, que levou a cabo tão famosa empresa.

O caminho descoberto por Magalhães não deixou de ser trilhado successivamente por portuguezes e hespanhoes. A America do oeste foi explorada por estes intrepidos navegantes muitos annos antes de Alvaro Mendanha de Neyra, no anno de 1595.

As noticias que ha d'aquellas descobertas são vagas: em geral sabe-se que exploraram a Nova Guiné, as ilhas de Salomão, e muitas outras. Sobre a posição das ilhas de Salomão differem os autores em geral. Ha probabilidade de que seja o grupo das que depois se chamaram Nova Bretanha, Nova Irlanda, etc.

Foi com intentos de reconhecer estas ilhas que Mendanha deu á vela de Calais. Descobriu as Marquezas, a ilha de S. Bernardo, que foi denominada do Perigo pelo comodoro Byron, e as ilhas Solitaria e Santa Cruz, á qual Carteret chama d'Egmont.

N'esta ultima morreu Mendanha, e a maior parte dos seus companheiros. Levava elle por primeiro piloto a Pedro Fernandes de Quirós, que conduziu para a Manilha os restos d'esta expedição.

Foi depois encarregado este mesmo Quirós do descobrimento do continente austral, e hoje parece ter sido elle o primeiro europeu que concebeu tal idéa.

Saiu de Calais em 21 de Dezembro de 1605 como piloto de duas naus e um patacho, commandadas por Luiz Paz de Torres. Em Janeiro do anno seguinte descobriram a terra, que parece ser a mesma a que Carteret deu nome de ilha Pitcairn. Foram até á bahia de S. Philippe e S. Thiago na ilha do Espirito Santo, e ao sair d'aqui a expedição dividiu-se indo Quirós para a Nova Hespanha, depois de soffrer muito por falta de provisões, e Torres descaindo para oes-

te foi o primeiro que navegou entre a Nova Hollanda e a Nova Guiné.

Em 1615 seguiram-se as expedições de Maire e Schouten aos mares do sul. Deram de vela de Taxal em 14 de Junho com duas embarcações, uma das quaes se incendiou no porto Desejado. Foram elles os descobridores do estreito Le Maire, e os primeiros que entraram no mar Pacifico pelo cabo de Horn.

Descobriram tambem as ilhas dos Cães, de Sonde-Grondt, de Waterland, das Moscas, dos Traidores, dos Cocos, da Esperança, e de Horn. Chegaram á Batavia em Outubro de 1616, seguindo a costa septentrional da Nova Bretanha e Nova Guiné.

D'este anno até 1642, excepto algumas descobertas nas costas occidentaes e septentrionaes da Nova Hollanda, não houve nenhuma expedição importante. Foi então que partiu de Batavia o capitão Tasman, com dois vasos da companhia hollandeza, e descobriu a terra de Van Diemen, parte da costa occidental da Nova Zelandia, e as ilhas dos Amigos e do Principe Guilherme.

John Strong de Farewell descobriu em 1689 a Virginia ou Maiden-Land-de-Hawkins, assim chamada por Hawkins, que foi o primeiro que a viu em 1594.

Farewell reconheceu que esta terra se dividia em duas ilhas, e atravessou o estreito que as separa, dando a esse estreito o nome de Fackland. Este nome estendeu-se depois ás duas ilhas. Parece que esta terra era conhecida com o nome de Pepys.

Antonio da Rocha, mercador inglez, voltava do mar Pacifico em Abril de 1675 quando, impellido pelos ventos e correntes para este do estreito de Le Maire, encontrou uma costa, a qual o capitão Cook entende ser a mesma a que elle depois denominou ilha Georgia. Largando d'aquella terra para o norte, Rocha descobriu outra ilha, aos 45° de latitude sul, com um excellente porto na parte oriental, e muito provida de boa agua e excellente pescaria.

Halley, famoso astronomo que em 1699 foi encarregado de varias observações n'aquelles mares, não descobriu nenhuma terra austral.

Em 1721 os hollandezes equiparam duas embarcações para tentar varias descobertas nos mesmos mares Roggewin, que as commandava, saiu de Texel em 21 de Agosto, e torneando o cabo de Horn descobriu a ilha da Paschoa, que Davis já tinha visto, mas não reconhecido. Além d'esta apercebeu muitas ilhas, que se supõem as mesmas descobertas depois por outros navegantes inglezes. Entre estas se contam as de Baumen e outra, a que Bougainville depois deu nome de ilhas dos Navegantes.

A companhia franceza das Indias orientaes apparelhou tambem em 1738 duas embarcações, cujo commando entregou a Bouvet, para seguir nas descobertas do oceano Atlantico meridional.

Em Janeiro de 1739 deu vista de terra. Cook

fez depois muitas tentativas para a encontrar, e não o conseguindo supõe este navegante, que a descoberta de Bouvet não passou d'alguma ilha de gelo.

Byron principiou em 1764 as suas empresas no hemispherio austral. Em Junho d'esse anno entrando pelo estreito de Magalhães no mar do sul descobriu as ilhas da Desillusão, Jorge, Principe de Galles, Perigo, York e Byron.

Wallis e Carteret seguiram-no em 1766. Separaram-se estes dois officiaes no grande mar do sul. Wallis descobriu as ilhas de Pentecostes, Rainha Carlota, d'Egmont, do Duque de Gloucester, do Duque de Cumberland, de Maitea, de O-Taiti, É-Iméo, Tapamanou, How, Scilly, Boscawen, Keppel, e Wallis.

Carteret seguiu differente rumo, e descobriu as ilhas d'Osnabruy, Gloucester, Carteret, Gover, e o estreito entre a Nova Bretanha e a Nova Hollanda.

No mesmo anno de 1766 Bougainville deu á vela de França, e descobriu no mar Pacifico as ilhas dos Facardins, Lanceiros, e la Harpe. Esta ultima, diz Cook parecer-lhe a mesma que elle depois denominou do Lagon. Tambem Bougainville descobriu a ilha Arc, e houve vista de muitas terras e ilhas que para elle eram novas, mas de que já alguns navegantes tinham noticia.

Foi depois d'este anno que principiaram as viagens de Cook, das quaes elle proprio escreveu uma extensa e minuciosa relação.

\*\*\*



INCENDIO EM FONTAINEBLEAU.

Pelos seus extensos e formosos bosques e tapadas, onde os soberanos da França com frequencia procuram o recreio das caçadas, é Fontainebleau muito conhecida; grande numero de recordações historicas se prendem a estes sitios, onde Francisco I edificou uma soberba residencia real, que muitos de seus successores reformaram e embellezaram. Este palacio soffreu no anno passado um violento incendio; a nossa estampa figura a parte destruida pela conflagração, que foi o lado direito da Cour de Fontaine, que pega com o Lago, a avenida Maintenon, a Porte Douce, e tambem a galeria de Francisco I e a magnifica sala denominada das festas, onde foi a casa em que se faziam representações dramaticas. A sala das festas teria sido pre-

sa das chammas se houvesse vento; porém, felizmente, o tempo estava bonançoso, e a agua em grande abundancia ficava muito á mão; a tropa tomou opportunamente todas as providencias necessarias para atalhar o fogo, que ao cabo de tres horas achava-se vencido, concorrendo todas as classes de habitantes, inclusivamente mulheres e ecclesiasticos, a conduzir agua para as machinas, e a prestar outros valiosos serviços. O desenho foi tirado da longa alameda nos jardins inglezes. M.

O lato umas vezes é o symbolo da tristeza; outras é a mascara, com que a hypocrisia cobre os sentimentos da alegria.

## UM DUELLO.

## FRAGMENTOS.

É uma historia verdadeira a que se vae ler. Parte d'ella escreveu-a o protagonista de seu proprio punho; as explicações necessarias para ser comprehendida, e que constituem a outra parte, escreveu-as a pessoa que a dá á luz.

Confiou-lhe o moço, de quem se conta aqui parte da vida, um volumoso manuscrito, onde estavam notados, dia por dia, os mais importantes acontecimentos da existencia que vivera.

Só depois de acabada esta, lhe era permittido dar ao publico, do manuscrito que lhe entregara, a porção que melhor lhe aprouvesse, se o não quizesse porventura produzir na sua integra.

E merecia-o bem. Poucas obras tem o editor visto tão perfumadas de sentimento, tão lacradas de angustias, tão energicas e tão suaves ao mesmo tempo d'entre tantas que tem lido, e que por ahí se contam entre os modelos, como era aquella que desde então possuia.

Quem a escreveu tinha amado como René, padecido como Werther, morrido como Raphael. De todos elles tirava dotes e mimos; como d'elles todos partilhara a corôa de padecimentos.

Os seus escriptos encontram-se pois com elles em mais de um ponto.

Triste plagiato, que tão caro custou!

Por este preço a maioria, senão todos, dos que escrevem, quereria antes inventar, que de tudo é o que mais lhe custa, do que respigar no campo alheio tão duro de pisar, tão ouriçado de espinhos e silvados.

Largo seria o livro se todo apparecesse como o seu autor o escreveu; enfadonho de mais a mais, por particularidades pessoas, que só a elle podiam importar.

Uma pequena parte apparecerá d'esta vez: o acolhimento que lhe fizerem decidirá do resto....

## I

N'um d'esses bailes que pelo estruendo se costumam dar nas philarmonicas de Lisboa, poucos homens appareceriam tão elegantes e bem postos como Luiz de...

Era um gentil moço e uma grande alma. Superior á condição em que vivia, pobre gravador, um mero acaso o levava áquellas reuniões, que não costumava frequentar.

Vivia do seu trabalho; e não lhe era o tempo tanto de sobra, que o pudesse perder nos desfallos das festas.

Aos dezoito annos morreu-lhe seu pae, deixando-lhe, com uma herança bem pequena, irmã e mãe, que só d'elle podiam esperar amparo.

N'estas circumstancias, o juizo vem breve, e a creança, carregada de ponderosos deveres, esquece-se de que o é, e procura ser homem.

Não era para tão humilde condição, que tinha sido destinado. Preparava-se para seguir um curso de escola superior, e já dava então voltas á intelligencia, consagrando-se aos preparatorios, que lhe reclamavam. Tinha tambem um tanto de poeta, na forma; que na essencia era-o elle muito.

Por uma ou outra vez tinha aparelhado mais de uma strophe, que por lhe não responderem em valentia aos arrosos de imaginação, que lhe escandeciam a intelligencia, puzera de parte como fracas e desgeitosas.

Sentia muito; tinha fé como poucos; talento como raros; só lhe faltava pois amar, complemento fatal da epopea do joven, e que elle presentia ao longe como o marinheiro presente a tempestade.

Não o desampararia essa sagração sublime das almas de vinte annos, e mais breve do que elle o suppunha se aproximava já mysteriosa e terrivel.

Espraiava esperançosas vistas para o futuro, quando a falta de seu pae o obrigou a pensar com maior madureza. Não podia contar com os recursos precarios de uma posição por vir n'um praso longo ainda, e precisava quanto antes lançar mão de um modo de vida, que lhe garantisse meios de existencia para si e para os seus.

Orgulhoso de mais para solicitar um emprego, que lhe seria certamente recusado, attenta a sua posição e pouca importancia, recorreu a si e aos seus braços, para de si e d'elles esperar o que carecia. Um tio lhe serviu n'essa occasião; e deixando aulas e livros, entregou-se d'alma e coração ao officio que exercia, onde a boa vontade lhe supriu o tempo da aprendizagem, alcançando em mezes o que outros só podiam obter em annos.

Era, ao começar esta narração, um dos mais habéis no seu mister, e dos que mais ganho tirava do seu trabalho.

Pobres castellos no ar de creança, que tão embevecido o tinham trazido nos primeiros annos, haviam esmorecido de todo. O dia de amanhã era para elle, como o de hoje, de fadigas e trabalhos. O futuro o mesmo que o presente, e a melhoria da condição nem ao menos lhe alegrava as magoas, segredando-lhe esperanças nas horas de desalento.

Versos soltados ao vento; aspirações de gloria e de nome; momentos, que se não pagam, do devanear intimo, de sentimento profundo diante dos esplendores da criação, ou dos primores dos homens, tinha tudo acabado para elle. Uma hora que n'elles gastasse, era uma hora que tirava ao trabalho, era um roubo que fazia a sua mãe e a sua irmã, que precisavam d'elle para o sustento do dia.

Passam desapercibidos por nós não poucos d'esses lutadores incansaveis, que lidam a vida toda para cavar como a toupeira a occultas morada e aninho para os seus, e a quem vem por fim a cheia ou a remoção de terrenos, deitar-lhes a perder o fructo de tantas fadigas, o consumo de tantos annos.

Todavia, quando aborrecido de trabalhar, desesperado de si, sem crença e sem ambições, quasi como morto, esmorecida a alma e perdidas as aspirações, entrava em casa á noite, e via sua mãe e sua irmã recebê-lo de braços abertos, tão agradecidas ao que por sua causa fazia; desappareciam-lhe os dissabores, e o aborrecimento esvafava-se mais rapido do que o fumo da pobre ceia que o esperava na mesa sempre aceiada e alegre.

Paga e gloria encontrava-as elle então ali de sobejo; e se lhe dessem tudo o que mais queria nos seus sonhos desvairados, não lhe posporia aquella desvelada familia, aquella refeição modesta, e aquelle santo orgulho de poder dizer: sou eu quem sustento a minha familia.

Era por isso que raras vezes se via fora da officina ou de casa. Rogos reiterados de um amigo o tinham levado áquelle baile onde o encontramos no principio d'esta narração, e onde se achava tão estranho e alheio, quanto o eram aquelle mundo e aquelles costumes, aos que suspeitara e phantasiara nas suas concepções de poeta.

## II

— Encostado á umbreira de uma porta — é elle quem falla — vi pela primeira vez hediondo e nú, apesar das suas vestes e atavios, aquelle mundo, que tão vestido e ornado suppozera. Vi aquella gente toda mover-se, agitar-se, animar-se como automatós, mais ou menos perfectos, sem que em tantos rostos sem expressão, em tantas faces sem sentimento, me apercebesse de que tinha diante de mim os reis da criação. Mesquinhos e abjectos, intrigas pequeninas os demoviam; phrases estudadas e insulsas os enlevavam; olhares lascivos, cujo effeito de antemão se previra, os traziam enlevados e presos.

Para que fóra eu áquella festa, se não era ali o meu logar? Que tinha aquella gente comigo, que os não comprehendia, nem era dos seus? que podia eu ter com elles, que não tomava parte nos seus prazeres, nem procurava accommodar o gesto pela alegria geral?

Estranho a tudo e a todos, nem sabia de mim, nem do que me cercava. Eduardo, que me obrigara a acompanhá-lo, seguia seus amores e entretinha-se com a mulher que o levava; e eu estava ali isolado e triste, malquerendo; mais do que nunca, a obscuridade em que vivia, e que me alheava tanto á consideração d'aquella gente.

E os que ali eram tidos em grande conta, não valiam mais do que eu. Conheciam os a quasi todos. Astros de clarão emprestado, o nome ou o dinheiro os fazia luzir e brilhar; por si, se os deixassem desamparados, figurariam tanto, quanto esses milhares de mundos, que o dedo do Senhor porventura semeou no espaço, e que passam sobre nós despercebidos e involtos no sudario de trevas que nol-os encobre.

Ainda assim entre uns e outros uma differença existe. Estes tem uma missão propria para cumprir. Sustentam talvez outras creaturas, tem uma

carreira marcada, uma orbita para descrever, um fim, um que quer que é, causa bastante da sua existencia e modo de ser; aquelles, pequenos e acanhados, sem nenhum d'esses preceitos, nascem, vivem, morrem sem saber a que vieram a este mundo, sem poderem dar razão da sua vida.

(Continua.)

R. PAGANINO.

## ESTUDOS SOBRE A PRIMITIVA EGREJA CHRISTA.

Continuação.

### COSTUMES DO CLERO.

A autoridade do bispo sobre o seu clero não era um poder despotico, e sim um governo de caridade. Os clérigos tinham parte no poder do bispo, porque não fazia nenhuma coisa de importancia sem se aconselhar com elles. Consultava os padres que eram assim como um senado da igreja. Tão veneraveis eram estes, e os bispos tão humildes, que no exterior pouca differença havia entre uns e outros.

Todos os clérigos, comprehendendo os bispos, viviam pobremente; pelo menos mui simplesmente, como as pessoas do commum, sem coisa alguma os distinguir. A maior parte nutria-se de legumes e viandas seccas, jejuando muitas vezes, e praticando toda a especie de austeridades, quanto lhes permittiam suas penosas funcções. Muitos depois da sua ordenação continuavam a viver do trabalho de suas mãos, a exemplo de S. Paulo. Muitos abraçavam a vida em commum, morando juntos na mesma casa, e comendo á mesma mesa. Não possuíam nada de propriedade, e unicamente subsistiam do que a igreja lhes fornecia. Era uma grande familia, sendo o bispo o seu pae.

O que especialmente se recommendava aos bispos, aos sacerdotes e diaconos, era a continencia. Quando o que se elevava ao episcopado ainda tinha mulher, seguia tratando-a desde então como uma irmã; e a igreja latina sempre fez observar esta disciplina aos sacerdotes e diaconos.

O bispo nunca deixava de presidir ás orações publicas, e explicar a Sagrada Escripura, e offerter o sacrificio todos os domingos, e festas particulares. Elle e os sacerdotes estavam continuamente occupados em instruir os cathecumenos, consolar os doentes, exhortar os penitentes, e reconciliar os inimigos. Compunham todas as devações, porque não queriam que os christãos pleiteassem ante os tribunaes dos infieis. Era ordinariamente a segunda feira que os bispos destinavam a examinar os processos, para que, se as partes se não compozessem logo, tivessem tempo em toda a semana para se apasiguarem, e elle os congraçar antes do domingo seguinte em que deviam orar juntos e commungar. O bispo estava sentado com os seus padres, assistido dos diaconos, e as partes litigantes estavam de pé. De-

pois de os ter ouvido, fazia o possível por concordar-os amigavelmente, e conciliá-los antes de pronunciar o julgamento, que o prelado dava de accordo com os padres. D'aqui nascia a afeição e o respeito dos fieis para com os bispos; porque estes eram os paes dos pobres, e o refugio dos desgraçados; por isso se prostravam diante dos padres quando os encontravam, beijando-lhes os pés, e recebendo-lhes a benção. Chamavam-lhes santos, bemaventurados, piedosos, religiosos, amados de Deus. O nome de papa, quer dizer pae, foi por muito tempo commum a todos os bispos, e ainda hoje se dá a todos os sacerdotes na Igreja grega, como na Igreja latina o de *abade*, que tem a mesma significação. Os bispos e os padres por sua parte tomavam muitas vezes por humildade o titulo de servos de Deus, e outros eguaes, que hoje passam em formula.

#### RELIGIOSOS E RELIGIOSAS.

Havia christãos que, sem serem obrigados, praticavam voluntariamente todos os exercicios da penitencia para imitarem os prophetas e S. João Baptista, para se exercitarem na piedade, castigando os corpos, e reduzindo-se á servidão. Chamavam-se *asceticos*, que quer dizer exercitantes. Encerravam-se de ordinario nas casas, onde viviam em retiro, guardando a continencia, e acrescentando á frugalidade christã as abstinencias e jejuns extraordinarios. Exercitavam-se em trazer o cilicio, andar descalços, dormir no chão, passar em vigilia parte da noite, ler assiduamente a Escripura, e orar quanto fosse possível.

Grande numero de mulheres solteiras consagravam a Deus a sua virgindade, ou por conselho dos parentes, ou por impulso proprio. Passavam a vida asceticamente, morando pela maior parte na casa paterna, ou vivendo duas ou tres reunidas, não saindo senão para irem á igreja, onde tinham logar separado das outras mulheres.

As viúvas que renunciavam ás segundas nupcias viviam quasi como as virgens; porém não estavam tão encerradas, porque se applicavam a obras externas, como visitar os enfermos e encarcerados, consolar os pobres, enterrar os mortos, e geralmente todos os actos da mais viva e generosa hospitalidade.

Escolhiam-se para diaconas as viúvas mais edosas, prudentes, e experimentadas por toda a especie de exercicios de piedade. Recebiam a imposição das mãos, e eram contadas em o numero do clero, porque exercitavam para com as mulheres as funcções dos diaconos. Estava a seu cargo visitar as pessoas do seu sexo, a quem a pobreza, as enfermidades, ou qualquer outra miseria fazia dignas dos cuidados da Igreja. Repetiam ás cathecumenas as instrucções do bispo ou do padre; apresentavam-nas ao baptismo, ajudavam-nas a despir-se e revestir-se para que os padres as não vissem n'um estado indecente;

conduziam depois as recém-baptisadas por algum tempo para as dirigirem na vida christã. Nos templos guardavam as portas do lado das mulheres, e tinham cuidado em que cada uma estivesse no seu logar, e guardasse o silencio e modestia convenientes ao logar e á religião. Davam conta de todas as suas funcções ao bispo, e por sua ordem aos sacerdotes e diaconos.

Pelos fins das perseguições da Igreja, e principalmente nos primeiros tempos em que esta desfructou paz, principiaram a edificar-se os mosteiros. Santo Antão, que vivera asceticamente, como S. Paulo que se olha como o chefe e modelo dos eremitas, foi o primeiro que reuniu discipulos no deserto, e os fez viver em commum. Não lhes chamaram simplesmente *asceticos*, ainda que se entregavam ás mesmas praticas; chamavam-lhes *monges*, que quer dizer solitarios, ou *eremitas*, habitantes dos desertos. Designavam-se por *cenobitas*, os que viviam em comunidade, e *anacoretas* os que se retiravam a mais completa solidão, depois de viverem por muito tempo em commum, tendo aprendido a vencer as suas paixões. Os cenobitas eram muito solitarios, porque unicamente viam os seus confrades, estando separados de toda a habitação muitos dias de jornada pelos desertos de areia, e onde tudo é preciso levar, até a agua. Não se viam uns aos outros senão de tarde e á noite, ás horas da oração, passando o dia todo a trabalharem nas suas cellas, sósinhos, ou dois a dois, e guardando sempre silencio.

Havia tambem nos desertos mosteiros de mulheres, assaz proximos dos monges para receberem d'elles soccorro, e assaz distantes para evitarem perigo e suspeita. Os monges edificavam-lhes as cellas, e ajudavam-nas nos trabalhos mais rudes; as religiosas faziam os vestidos aos monges, e outros semelhantes serviços; porém todo este commercio de caridade era exercitado por velhos escolhidos, que eram os unicos que iam aos mosteiros das mulheres.

A santidade da vida monastica foi tão resplendente, que dentro em pouco tempo se propagaram milhares de monges e mosteiros por todo o Oriente. Espalhou-se pela christandade, e pelo Occidente, onde successivamente appareceram as ordens de S. Bento, Cluny, e Cister, os religiosos mendicantes, e outras que seria longo enumerar.

Pela mesma occasião se formaram em muitas igrejas comunidades de clerigos, que viviam quasi pelo mesmo theor dos monges, tanto quanto as suas funcções o permittiam. Estes clerigos tomaram o titulo de conegos. Havia pois duas ordens de religiosos, uns clerigos, e outros leigos, e a maior parte dos monges eram d'estes ultimos, sendo o fim do seu instituto trabalharem na sua salvação individual, conservando sua innocencia, ou reparando por via da penitencia as desordens e erros da vida passada.

Continua.

A.